



AO DOMINGO

A pobreza em Portugal é endémica ou faltam políticas para a combater?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

Portugal, um retrato social" é uma série de documentários da autoria de António Barreto com realização de Joana Pontes e banda sonora de Rodrigo Leão. Foi emitido em 2007 pela RTP, mesmo antes de a crise nos atingir no meio da cara. Fruto de uma poderosa investigação estatística, de uma reflexão cuidadosa e de sensibilidade notável, esta série é um tributo à memória não muito longínqua. Mostra Portugal desde a década de 60 e sublinha como mudámos como povo e como país. Na saúde, na educação, nos valores, na política, na indústria, no lazer, em toda a linha. Merece ser revista, se calhar de tempos a tempos (e está disponível na internet). Basta o primeiro episódio para nós lembrar que não há fatalidades sociais. E que, para endémicas, bastam a fauna e a flora. ●●



Fernando Gomes
Economista

As estatísticas demonstram uma longa persistência de elevados níveis de pobreza em Portugal. E a grave crise de que ainda não saímos só piorou, em termos reais, a situação. As desigualdades ao nível da distribuição de rendimentos agravaram-se, atingindo cada vez mais as mulheres, as crianças e os jovens. Somos dos países mais desiguais da União Europeia, acusa a Rede Anti-Pobreza/Portugal. Mas tal não significa que a pobreza seja endémica no nosso país. Faltam, sim, políticas para a combater. Não políticas avulsas e desconexas, mais ou menos intensas consoante o quadrante ideológico dos diferentes governos. Antes políticas consistentes e contínuas, entendidas como um verdadeiro desígnio nacional. O padre Jardim Moreira, presidente da Rede Anti-Pobreza, veio agora pôr o dedo na ferida, assumindo um novo objetivo – levar a pobreza para as agendas políticas. ●●



Sebastião Fayo de Azevedo
Reitor
da Universidade
do Porto

Não é endémica, mas faltam políticas para promover uma evolução de aspetos culturais da nossa vida coletiva que perduram há muito tempo e que estão na base das nossas dificuldades. Somos um país pobre no seio da Europa do Ocidente, hoje um paradoxo, considerando o potencial humano educado que conseguimos alcançar nos últimos 30 anos, jovens imensamente capazes, como o demonstra o sucesso individual dos tantos que emigram. Não há pois razão de substância para estarmos condenados a um futuro de pobreza, mas só sairemos desta existência, em que 'sobra discurso e falta prática de solidariedade', na medida em que formos capazes de promover uma mudança cultural no nosso rigor coletivo, na nossa visão de ética social, na perceção dos excessos de permissividade social que aceitamos e no frágil modelo de governação pública que praticamos. Temos que perceber que é necessário criar mais riqueza, como temos que aceitar que é necessário distribuí-la de forma socialmente mais justa. ●●